

PERCEPÇÃO DOS DISCENTES SOBRE A INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO

Vanessa Desidério¹
Francisco Jadson Souza de Assis²
Rafael Rembrandt Pinheiro da Silva³
Hortevan Marrocos⁴
Andrezza M. B. Do N. Tavares⁵
José Moisés Nunes da Silva⁶

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de investigação cujo objetivo foi analisar a percepção dos estudantes sobre a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em cursos técnicos integrados ao ensino médio, sob o contexto dos institutos federais brasileiros. A pesquisa explora a complexidade desse processo, destacando as diversas barreiras enfrentadas pelos alunos com TEA, tais como dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos restritos ou repetitivos. Utilizou-se como técnica de coleta de dados, a entrevista semi estruturada e os dados foram analisados através da técnica de Bardin (1977). A população foram seis alunos do curso técnico integrado ao ensino médio, sendo dois autistas, um em avaliação diagnóstica e três sem autismo. Inicialmente foi levantado o perfil dos pesquisados e em seguida foram feitas questões relacionadas à inclusão escolar. Para os estudantes autista perguntou-se sobre relação colegas-professor, dificuldade e expectativas na área acadêmica e laboral e o que eles sugerem para melhorar a inclusão. Para os alunos que não são autistas perguntou-se o que é autismo, se eles conhecem pessoas com autismo e como lidam com isso, também foram questionados a respeito do papel do instituto como comunidade inclusiva. Constatou-se que os pesquisados percebem necessidade de melhorias nesse processo de inclusão, que é preciso melhorar a formação docente, a conscientização sobre o respeito e o sentimento de invisibilidade que eles sentem. Apesar, disso, consideram que a instituição cumpre o seu papel como comunidade inclusiva. Os alunos pesquisados que não estão no espectro sabem do que se trata o autismo e convivem bem com pessoas que estão no espectro. Entre as sugestões para melhorar a inclusão, citaram oferecer professores e tutores mais capacitados, palestras sobre o tema e atividades mais lúdicas para promover a aprendizagem.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Inclusão, Percepção discente, Educação Profissional.

INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, vanessa.desiderio@ifrn.edu.br;

² Graduando do Curso de Tecnólogo em Energias Renováveis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, francisco.jadson@escolar.ifrn.edu.br;

³ Graduando do Curso de Tecnólogo em Energias Renováveis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, r.rembrandt@academico.ifrn.edu.br;

⁴ Doutorando em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, hortevan.marrocos@ifba.edu.br;

⁵ Doutora em Educação do Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, andrezza.tavares@ifrn.edu.br;

⁶ Professor orientador: Doutor em Educação, IFRN, moises.silva@ifrn.edu.br.

O presente estudo investiga a percepção dos estudantes sobre a questão da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em cursos técnicos integrados ao ensino médio, sob o contexto educacional dos institutos federais brasileiros. A pesquisa explora a complexidade desse processo, destacando as diversas barreiras enfrentadas pelos alunos com TEA, tais como dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos restritos ou repetitivos. Os comportamentos considerados inadequados pela sociedade em muitos casos, são consequências de uma barreira na inclusão, por exemplo, barreira sensorial (barulho excessivo, cheiros fortes, iluminação, entre outros fatores que podem desencadear uma crise sensorial).

A pessoa que nasce com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), cresce e se desenvolve com perturbações (transtornos) em seu desenvolvimento. Em algumas pessoas essas perturbações aparecem logo na primeira infância. Através da análise dos marcos do desenvolvimento, pais e familiares podem perceber que a criança apresenta algum transtorno no neurodesenvolvimento e encaminhar para avaliação de equipe multidisciplinar. O termo espectro, remete a variações, uma vez que para algumas pessoas o prejuízo é maior nas áreas de socialização e comunicação, em outros o prejuízo pode estar associado à vida escolar, pois além do TEA, alguns apresentam também dificuldades de atenção, rigidez cognitiva, comportamento inadequado, entre outros. Muitos estudos têm se voltado para a precocidade do diagnóstico no sentido de melhorar a qualidade de vida da pessoa com TEA e da sua família por meio de intervenções terapêuticas e orientações médicas ou escolares de modo que a vida adulta não sofra maiores prejuízos.

No entanto, apesar do livre acesso a conteúdo relacionado ao tema, muitas pessoas desconhecem as principais dificuldades da pessoa com TEA e na maioria das vezes a falta de tratamento adequado ou a falta de laudo sobre a causa do problema torna o processo inclusivo escolar mais desafiador para profissionais e estudantes. Para Ferreira e Chamel (2022) é na adolescência que esses problemas mais se agravam em função das novas experiências com o corpo, sexualidade e identidade. A pessoa com TEA que se matricula em um curso técnico integrado ao ensino médio, pretende, assim como os demais estudantes, participar de todas as oportunidades da vida acadêmica e profissional que o prepara para a escolha da profissão. No entanto, dados da UNG (2023), indicam que 85% dos adultos autistas do Brasil estão desempregados.

Desse modo, o presente trabalho aborda a questão da inclusão sob a perspectiva do estudante com deficiência e sem deficiência. Trata-se de um estudo de caso, em dois campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). O IFRN é parte integrante da Rede Federal de Educação Profissional.

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criada em 1909, engloba os Institutos Federais criados em 2008 (MEC, 2018). A Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional - LDB, Lei no 9.394/1996, Seção IV-A, concerne à Educação Profissional Técnica de Nível Médio, no artigo 36-B, deixa claro que uma das formas de educação profissional técnica de nível médio é a articulada com o ensino médio e no artigo 36-C que a articulação pode ser a integrada, conforme LDB (2020, p.30):

I – Integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica

de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno;

De acordo com a Lei nº 12.764, de 27/12//2012, conhecida como Lei Berenice Piana (Brasil, 2012), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido como deficiência para todos os fins legais. Nesse sentido, tem direito ao Atendimento Educacional Especializado citados na LDB no que diz respeito à Educação Especial. A pesquisa de Gonçalves (2020) indica ausência de política institucional com diretrizes e planejamento do processo de inclusão dos estudantes com TEA a fim de garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem, lacuna de formação continuada dos docentes na perspectiva inclusiva e a falta de conhecimento dos estudantes sobre seus direitos e adaptações pedagógicas.

Togashi (2016) defende a inclusão como uma medida que pode trazer benefícios significativos, não apenas para os alunos com TEA, mas também para seus colegas, enfatizando a importância da socialização e da convivência entre crianças com e sem esse transtorno. Este estudo também visa proporcionar uma compreensão mais profunda das percepções dos discentes sobre a inclusão de alunos com TEA, contribuindo assim para o desenvolvimento de políticas e práticas educacionais mais inclusivas e acolhedoras para todos os alunos.

De acordo com o *American Psychiatric Association* ou APA(2014) para obter um diagnóstico preciso do TEA, é fundamental que certos critérios sejam observados desde certo período, tais como dificuldades na comunicação e interação social em diferentes contextos. Isso pode se manifestar através de dificuldades em entender e expressar emoções, dificuldade em manter conversas ou compartilhar interesses com outras pessoas. Além disso, a presença de certos padrões restritos e repetitivos de comportamento. Esses padrões podem ser observados em comportamentos estereotipados, movimentos repetitivos ou maneirismos peculiares, bem como em um forte apego a rotinas e padrões fixos de comportamento.

Esses critérios são fundamentais para o diagnóstico preciso do TEA e ajudam os profissionais de saúde e escolar a identificar e compreender as necessidades específicas das pessoas com esse transtorno. Durante a vida escolar o discente com TEA que está cursando a formação técnica de nível médio integrado com o ensino médio necessita constantemente de apoio para atender as especificidades do curso de formação básica e técnica conjuntamente. Chiote (2017) investigou a escolarização dos alunos com autismo do ensino médio e concluiu:

A escolarização dos estudantes com autismo no ensino médio não promove a superação das limitações sociais e culturais colocadas por sua condição de “ter autismo”, diante dos objetivos da formação no ensino médio - protagonismo, aprendizado ao longo da vida, aluno como centro do processo, emprego etc. - há um descrédito em suas possibilidades de desenvolvimento escolar e participação na vida social produtiva.

A fala de Chiote (2017) remete à educação básica no ensino médio, porém é possível que essas lacunas também sejam percebidas na educação profissional de nível médio, nesse sentido, a presente pesquisa busca analisar como os jovens percebem a inclusão no curso técnico integrado ao ensino médio oferecido pelo IFRN, em dois campi.

METODOLOGIA

A pesquisa teve como base o trabalho de Gonçalves (2020) que fez uma pesquisa semelhante com alunos de ensino superior da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Enquanto Gonçalves (2020) explorou apenas a percepção dos alunos com autismo, nesta, resolvemos analisar as duas percepções, a do aluno com TEA e a do aluno que não tem TEA. Dado o conjunto de circunstâncias de greve nos institutos federais, nossa pesquisa alcançou apenas seis alunos. A pesquisa é do tipo descritiva, subtipo estudo de caso, conforme Leite (2008) e na análise de conteúdo, utilizou-se a técnica de categorização abordada por Bardin (1977). O questionário simulava uma entrevista com perguntas abertas e fechadas.

Para manter o sigilo e melhor compreensão do perfil dos pesquisados, utilizamos codinomes, conforme quadro 1. Os nomes que começam com a letra “E” são de pesquisados que estão no espectro ou em fase de avaliação diagnóstica. Os nomes que começam com a letra “M” são de alunos que não estão no espectro ou suspeitam de estar no espectro. Todos são alunos do curso técnico integrado ao ensino médio do IFRN, sendo que cinco são do campus 1 (interior) e um discente é do campus 2 (capital).

CODINOME	PERFIL
Eduardo	Gênero masculino, 19 a 24 anos de idade, foi diagnosticado com TEA aos 9 anos de idade, campi 1
Elias	Gênero masculino, 19 a 24 anos de idade, foi diagnosticado com TEA recentemente, campos 2
Eliane	Gênero feminino, menos de 18 anos, está em avaliação diagnóstica para TEA, campus 1
Marcos	Gênero masculino, 19 a 24 anos de idade, não está no espectro, campus 1.
Mônica	Gênero feminino, 19 a 24 anos de idade, não está no espectro, campus 1.
Miguel	Gênero masculino, menos de 18 anos, não está no espectro, campus 1.

Quadro 1 – Codinomes e perfil dos entrevistados

Fonte: Baseado nos resultados da pesquisa, 2024.

Como alguns alunos com TEA tem dificuldade para compreender algumas questões e como não sabíamos se eles teriam alguém pra ajudar a responder o questionário, as questões não eram obrigatórias, ocorreu que algumas questões não foram preenchidas por todos os pesquisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso técnico integrado ao ensino médio do institutos federais tem uma carga horária maior que a carga horária do ensino médio, pois a matriz curricular é composta pela carga

horária das disciplinas propedêuticas e técnicas, no IFRN esses cursos tem duração de quatro anos. Os campi pesquisados são um no interior do estado e outro na capital do Rio Grande do Norte, sendo assim a realidade social dos alunos é diferente, pois no interior é preciso acordar bem mais cedo, pois a maioria dos alunos precisa ir de ônibus da prefeitura e não existe transporte coletivo circulando no município.

Tavassoli, Hoekstra e Baron-Cohen (2014) realizaram uma pesquisa com mais de 300 autistas adultos e concluíram que pessoas com TEA tem mais hipersensibilidade sensorial que pessoas que não estão no espectro. É comum que esses transportes públicos sejam barulhentos, sobrecarregando sensorialmente os alunos a caminho do campus, para aqueles que não dependem desse transporte público, podem existir outras barreiras sensoriais, em função disso, perguntamos para os alunos com TEA se eles já pensaram na possibilidade de trancar ou desistir do curso. As respostas refletem não apenas dificuldades acadêmicas, mas também questões emocionais, sociais e de saúde mental, que alcançam também alunos que não estão no espectro como é o caso de Miguel:

“Sim, meu método de aprendizagem é muito diferente e não consigo prestar atenção nas aulas, tbm tem uma perpetuação de um mal ensino nas escolas públicas que influenciou bastante, percebo que estou sempre 5 a 10 passos atrás, acredito que possa ser caso de TDAH, já como algo hereditário” (Miguel).

A fala do aluno ressalta a complexidade das experiências individuais dos estudantes afetados por transtornos, evidenciando os desafios enfrentados no contexto educacional. Suas palavras destacam a dificuldade em acompanhar o ritmo das aulas devido à sua forma peculiar de aprender, além de mencionar possíveis influências negativas advindas do sistema educacional público brasileiro, ele cita que pode ter Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e que é hereditário. Apesar de Miguel não ter sinalizado que está no espectro, o TDAH também é um transtorno que afeta a aprendizagem e pode trazer prejuízos acadêmicos, sociais e profissionais. Outros três alunos também responderam:

“Sim, por causa da rotina que é muito pesada principalmente pra alunos de outras cidades que acordam muito mais cedo pra poder vim ao colégio” (Eliane).

“Não. Eu sempre gostei do curso passei por algumas dificuldades de socialização, mas nunca pensei em desistir” (Eduardo).

“Sim, várias vezes, pois tenho dificuldade em algumas matérias” (Elias).

A resposta de Eliane (aluna que está em processo de avaliação diagnóstica para TEA) sinaliza que as dificuldades antes de chegar na escola colaboram com a desorganização e fadiga, próprio do espectro e da realidade social da maioria dos adolescentes que embora não estejam no espectro enfrentar essa rotina estressante durante o ensino básico e tecnológico. Ocorre que

para a pessoa que está no espectro torna-se ainda mais desafiador. Elias (aluno com laudo de TEA) sinaliza que já pensou várias vezes, justamente por ter muitas dificuldades de aprendizagem que pode resultar em reprovações. Como cada caso é único, a percepção de Eduardo (aluno que tem laudo) é diferente dos demais, pois apesar da dificuldade de socializar, entre outras não explicitadas, ele nunca considerou a possibilidade de trancar ou desistir do curso. Em relação à socialização, perguntamos como é a relação dos alunos com seus colegas de turma, se eles estão cientes do diagnóstico, no caso de Eduardo, ele respondeu apenas “sim”, já os demais pesquisados:

“Boa. Eles estão cientes, e consigo me comunicar bem com eles” (Elias).

“Não, eu ainda estou fazendo exames para descobrir” (Eliane).

As respostas indicam um ambiente de aceitação e apoio que é importante para efetiva inclusão. Para os que não estão no espectro, a convivência entre pessoas com o transtorno acaba promovendo experiências únicas e que são de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano integral. No caso da pesquisada Eliane, caso o diagnóstico seja confirmado, ela precisará lidar com esse autoconhecimento e precisará do apoio da turma. Um ambiente que não favorece a inclusão pode afetar o aprendizado do aluno que precisa ser desenvolvido em todas as áreas.

No curso técnico integrado ao ensino médio oferecido pelo IFRN o aluno que é reprovado em uma disciplina estará em dependência no semestre seguinte, em alguns casos, é necessário estar disponível no contraturno para cumprir o componente curricular, essa situação gera desnivelamento em relação aos demais colegas da turma. Nesse sentido, perguntamos aos pesquisados se eles já foram reprovados. Apenas Miguel e Eliane foram reprovados, Eduardo nunca foi reprovado e Elias disse que só ficou em recuperação. As disciplinas que os alunos têm mais dificuldade é na área de exatas, disciplinas de matemática e eletricidade instrumental.

Os alunos pesquisados disseram que não consideram seus professores preparados para receber e apoiar os alunos com autismo, apesar de saber do diagnóstico.

“Não estão. infelizmente esse assunto tem uma invisibilidade enorme, ainda mais os professores do IF não são treinados para lidar com esse tipo de situação. Infelizmente mostra uma irregularidade no sistema de educação em enfatizar e atribuir medidas necessárias para incluir todos que tem essas características ou dificuldades semelhantes” (Miguel).

“Na minha visão muitos ainda não tem preparo, mas todos tem o conhecimento do meu diagnóstico” (Elias).

Existem políticas públicas de formação de docentes, contudo faltam ações concretas de capacitação e sensibilização para os educadores, a fim de garantir que todos os alunos,

independentemente de suas necessidades específicas, recebam o suporte adequado para prosperar dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, os alunos pesquisados sugerem ações para promover a inclusão nos espaços escolares:

“Acredito que precisa conscientizar mais sobre o que é o autismo para tornar o ambiente escolar mais inclusivo” (Eduardo).

“ter tutores dentro das salas para acompanharem os alunos diagnosticados” (Elias).

“O campus é o colégio mais inclusivos que eu já estudei, pois, minhas escolas anteriores não tinham estrutura nenhuma pra receber pessoas com necessidades especiais” (Eliane).

Apesar de reconhecer que reconhecer que há possibilidade de melhorar a inclusão nos espaços escolares pesquisados, a aluna Eliane (campus do interior) reconhece que é a escola mais inclusiva que ela teve a oportunidade de estudar. Todos os campi do IFRN têm um órgão responsável pela inclusão, é o Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE), esse órgão funciona com apoio de servidores (docentes e técnicos) e terceirizados, trata-se de uma equipe multiprofissional. No entanto, em função dos cortes orçamentários recentes, não há um padrão no serviço, pois alguns campi têm psicopedagogo, outros não, alguns tem assistente educacional que faz a função sugerida por Elias, no sentido de apoiar o aluno com TEA outros não. Todos os respondentes disseram que sentem fazer parte de uma comunidade inclusiva. A respeito do NAPNE, disseram estar satisfeitos:

“Então o NAPNE ajuda muito” (Eduardo)

“O NAPNE me ajudou muito na minha parte acadêmica e a entender minhas dificuldades” (Elias)

“como eu ainda estou fazendo exames pra descobrir meu nível de suporte eu ouvi fala muito pouco da NAPNE” (Eliane)

Também pedimos aos alunos que trouxessem ideias para melhorar a inclusão:

“Eu penso em ensinar sobre a socialização do autista como ela funciona pra pessoas entenderem melhor” (Eduardo).

“Melhorar o respeito e o conhecimento do outro” (Elias).

“Acredito que cabe à base da sociedade que é o sistema na qual vivemos, tomar medidas inclusivas, onde a estrutura social esteja mais conscientizada para lidar não só com autismo, mas tbm com os deficientes auditivos, visuais e ao que estão em situações de cadeira de roda. Infelizmente a sociedade não foi estruturada para essas pessoas, isso mostra uma falta de regulação do estado com essa pauta, na verdade com muitas pautas no que se refere a este assunto” (Miguel).

“Autismo não é uma doença e sim uma consequência natural que pode ser estabelecida para qualquer um, o autista não deve ser atribuído ao capacitismo ou qualquer coisa do tipo, o importante é ter empatia, entender os surtos, a dificuldade e compreender que essa característica não o torna inferior, pelo ao contrário, torna-se forte e brilhante (Marcos)”

“Acho que poderia ter palestras e oficinas sobre o tema para melhorar a formação dos professores” (Eliane).

Ao destacar a importância de entender como a socialização funciona, o respondente parece estar interessado em promover a inclusão. O respeito implica reconhecer e valorizar as diferenças individuais, enquanto o conhecimento do outro envolve uma compreensão mais profunda das necessidades, desafios e experiências de grupos diversos na sociedade. As respostas sugerem que a inclusão começa com uma atitude de respeito e uma busca ativa por conhecimento sobre as realidades e perspectivas de diferentes comunidades.

Para compreender se os pesquisados que não estão no espectro sabem o que é TEA e inclusão escolar, pedimos para eles desenvolverem uma definição para Transtorno do Espectro Autista (TEA). As respostas foram:

“O TEA é um transtorno neurobiológico que traz dificuldades tanto na socialização quanto no processamento de informações” (Marcos).

“distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico com padrões de comportamentos” (Mônica).

“São pessoas que tem características do autismo, não em específico, talvez possa ser um tdh ou outra coisa” (Miguel).

As respostas indicam que Marcos e Mônica entendem o termo e a sua aplicação e que Miguel parece confundir TEA ou Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). É comum as pessoas fazerem essa associação, até porque cerca de 50% das pessoas que tem TEA também tem TDAH, conforme APA,2014. Nesse sentido, pode-se dizer que os alunos compreendem sim do que se trata o termo.

A outra questão era voltada para a percepção dos alunos acerca das dificuldades que uma pessoa com TEA tem nos espaços escolares e no ambiente de trabalho. Apenas um aluno respondeu, os outros dois pareciam estar desconfortáveis em responder ou não sabiam. Ele disse:

“Tenho um sobrinho e ele tem TEA percebo que muitas crianças se afastam dele, tem receio de brincar ou de chegar perto acham que ele vai machucar ou senti desconfortável, logo se afastam, as crianças são reflexos dos pais, muitas vezes vi os próprios pais afastando os filhos perto dele, então são essas situações que eles carregam na infância, na fase jovem e na fase adulta” (Miguel)

A fala de Miguel indica que o seu sobrinho já sofre preconceito em espaços coletivos, sejam eles escolares ou não escolares, a família percebe, mas muitas vezes não sabe como reagir ou defender a criança que está sofrendo preconceito, em alguns casos, o preconceito se estende à família da pessoa que tem TEA. Apesar de não saber se comunicar muito bem, muitos autistas têm consciência dessa discriminação e sofrem com isso por toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pessoa que tem TEA enfrenta muitos desafios e uma das dificuldades enfrentadas por alunos com necessidades especiais no ambiente escolar é a integração social com seus colegas. Muitas vezes, esses estudantes se deparam com barreiras não apenas físicas ou sensoriais, mas também sociais e emocionais, que dificultam a construção de amizades e a participação plena nas atividades escolares. A falta de compreensão e de sensibilização por parte de outros alunos e, às vezes, até de professores, pode levar ao isolamento e à exclusão.

Alunos com TEA enfrentam desafios significativos ao tentar se enturmar no ambiente escolar. As dificuldades de comunicação e interação social (que são características do TEA) muitas vezes resultam em mal-entendidos e frustrações tanto para os próprios alunos quanto para seus colegas e professores. Além disso, mudanças na rotina escolar, que são comuns no dia a dia, podem causar grande ansiedade e estresse para esses alunos, dificultando ainda mais sua integração. A pesquisa foi realizada em um período de greve nacional dos servidores dos institutos federais, o que pode gerar por si só uma mudança no calendário acadêmico e potencialmente na rotina dos alunos que precisarão repor aulas em dias que não estavam previstos anteriormente.

Através da análise de conteúdo, foi possível perceber que os alunos pesquisados que não estão no espectro tem boa convivência com os alunos que estão no espectro, eles sabem do que se trata o termo TEA, conseguiram compreender que existe a necessidade de se promover um ambiente mais inclusivo.

Apesar de perceberem que é necessário ações de formação docente para melhorar a aprendizagem, os discentes percebem que estão em uma comunidade inclusiva que se esforça para acolher a diversidade.

O serviço oferecido pelo NAPNE/IFRN é importante para manter e ampliar esse sentimento de comunidade inclusiva, melhorando aspectos como respeito às diferenças.

Como as questões não eram obrigatórias, algumas não foram respondidas, mas percebeu-se mais esmero dos alunos que estão no espectro em responder do que dos alunos que não estão no espectro. É possível que a empatia tenha motivado os alunos a responderem.

Em relação ao ambiente laboral, nenhum dos pesquisados está trabalhando no momento, mas eles sabem que até o final do curso precisarão participar da prática profissional exigida na grade curricular, sugere-se replicar a pesquisa no período de prática profissional com os respondentes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e do IFRN, por meio de incentivo com bolsas de fomento. Estudar a percepção dos discentes sobre esse aspecto foi crucial para nossa formação para o trabalho e pelo trabalho, visto que esse é um dos princípios da educação profissional e tecnológica.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. **Artmed Editora**, 2014.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa edições, 1977.

BRASIL. Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 28 dez. 2012.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. A escolarização do aluno com autismo no ensino médio no contexto das políticas de educação especial no Estado do Espírito Santo. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. 2017.

FERREIRA, V. da S; CHAMEL, E.N. **Práticas Educacionais inclusivas para estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo na Educação Profissional**. Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 707 - 718, 2022. DOI: 10.36732/riep.vi.197.

GONÇALVES, Ellen Cristina Moraes. **Inclusão e permanência do estudante com transtorno do espectro autista na educação superior**. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Brasília, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. 2020.

LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 4. ed. – Brasília, DF : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. 59 p.

LEITE, Francisco Tarcísio. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2008.

MEC. Ministério da Educação. Plataforma Nilo Peçanha. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/plataforma-nilo-pecanha>. Acesso em 30/04/2024.

TAVASSOLI, Teresa; HOEKSTRA, Rosa A.; BARON-COHEN, Simon. The Sensory Perception Quotient (SPQ): development and validation of a new sensory questionnaire for adults with and without autism. **Molecular autism**, v. 5, p. 1-10, 2014.

TOGASHI, Cláudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno

do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**. 2016. DOI:
<https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000300004>

UNG. **Autismo e Mercado de Trabalho**. 17. Abril. 2023. Disponível em<
<https://www.ung.br/noticias/autismo-e-mercado-de-trabalho#:~:text=O%20que%20n%C3%A3o%20significa%20que,adultos%20com%20autismo%20est%C3%A3o%20desempregados>> Acesso em: 26/05/2023.